

O QUE SÃO ESTUDOS CULTURAIS HOJE?

ORGANIZAÇÃO E TRADUÇÃO

Luís Henrique Sacchi dos Santos

Lodenir Becker Karnopp

Maria Lúcia Castagna Wortmann

Diferentes praticantes
retomam a pergunta
do *International Journal
of Cultural Studies*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O62

O que são estudos culturais hoje? Diferentes praticantes retomam a pergunta do International Journal of Cultural Studies / Organizadores Luís Henrique Sacchi dos Santos, Lodenir Becker Karnopp, Maria Lúcia Castagna Wortmann. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-605-4

DOI 10.31560/pimentacultural/2022.96054

1. Cultura - Estudo e ensino. I. Santos, Luís Henrique Sacchi dos (Organizador). II. Karnopp, Lodenir Becker (Organizador). III. Wortmann, Maria Lúcia Castagna (Organizadora). IV. Título.

CDD: 306.07

Índice para catálogo sistemático:

I. Cultura - Estudo e ensino

Janaina Ramos – Bibliotecária – CRB-8/9166

APRESENTAÇÃO

Uma das características marcantes dos estudos culturais é a busca por constantemente colocar em questão práticas e direcionamentos imprimidos aos estudos conduzidos sob sua inspiração. Johnson (1986), Ferguson & Golding (1997), Carey (1997), Eagleton (2003), Denning (2004), Richard (2010) e Grossberg (2008, 2015, 2016, 2019) são alguns dos pesquisadores que procederam a essas revisões. Também no Brasil, Martino (2012), Cevasco (2016), Ribeiro, Soares e Gajonigo (2017) discutiram direções assumidas por estes estudos. Além desses, pesquisadores e pesquisadoras que atuam no campo da educação têm examinado a produtividade da articulação que vem sendo empreendida entre esse campo e os estudos culturais, tais como Wortmann, Costa e Silveira (2015); Costa, Wortmann e Bonin (2016); Bonin, Ripoll, Wortmann e Santos (2020). Assim, envolver-se com questões relativas a “*O que são e onde se situam os estudos culturais hoje?*” tem sido um propósito que perpassa muitos dos estudos conduzidos neste campo, ou não-campo, tal como a eles se refere Murray¹ (2020).

Neste e-book, além de procurarmos contribuir para situar o campo dos estudos culturais, oportunizando a leitura de textos publicados mais recentemente no *International Journal of Cultural Studies* (IJCS), indagamos, também, por que tal pergunta permanece sendo apresentada: tratar-se-ia de um campo que, apesar dos processos de institucionalização e disciplinarização que experimentou no Brasil², na América Latina e em outros contextos, ainda precisa, a todo momento, dizer a que veio e por quê?

1 Tradução disponível neste e-book.

2 Destacadamente, a criação da Linha de Pesquisa em Estudos Culturais em Educação, no ano de 1996, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU-UFRGS), e o curso de Mestrado e Doutorado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil (PPGEDU-ULBRA), com ênfase temática em estudos culturais, desde 2002.

Ao longo do ano pandêmico de 2020, o *International Journal of Cultural Studies* publicou uma seção especial intitulada “O que são estudos culturais?” sob a seguinte demanda: “O *International Journal of Cultural Studies* está solicitando, internacionalmente, respostas provocativas para essas e outras questões para uma gama de estudiosos. Publicaremos suas respostas a essas questões como uma série contínua”. Foram oito textos ao longo daquele ano, escritos por diferentes praticantes dos estudos culturais em distintas partes do globo: Ien Ang, Austrália; Nick Couldry, Reino Unido; Johan Fornäs, Suécia; Benjamin Woo, Canadá; Sarah Murray, Estados Unidos; Devon Powers, Estados Unidos; Laura Guimarães Corrêa, Brasil; Marcus Johnson e Ralina L. Joseph, Estados Unidos.

Por aqui, no âmbito da Linha de Pesquisa em Estudos Culturais em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU-UFRGS), o grupo de organizadores deste e-book propôs um seminário especial – *O que são estudos culturais hoje? Algumas leituras/algumas perguntas* – com o objetivo de não apenas apresentar esse conjunto de oito textos a uma audiência maior de praticantes de estudos culturais, em especial alunos de mestrado e de doutorado em educação, mas também de nos indagarmos, mais uma vez, “Por que a pergunta ‘o que são estudos culturais?’” precisa ser recorrentemente formulada e, de certo modo, respondida (por vezes, de antemão) por aqueles e aquelas que o praticam?

Nesse Seminário, além de procurar situar “o que são estudos culturais?” a partir da leitura de textos publicados no *International Journal of Cultural Studies*, acessados por meio do Portal de Periódicos da CAPES, visamos apresentar algumas problematizações e tensionamentos contemporâneos, talvez com o objetivo de trazer mais perguntas do que dar respostas à questão “o que são estudos culturais?”. Assim, é provável que a leitura dos textos aqui reunidos suscite mais perguntas do que respostas, visto que a recorrência deste questionamento (“o que

são estudos culturais?") nos leva a considerar que o campo ainda precisa responder, recorrentemente, à permeabilidade de suas fronteiras, à bricolagem – articulação – interseccionalidade de seus questionamentos, modos de fazer pesquisa e de olhar para o mundo.

A série de textos publicados na seção “*What is cultural studies?*”, presente em várias edições do periódico *International Journal of Cultural Studies* no ano de 2020, nos oferece um produtivo conjunto de questionamentos aos/às praticantes de estudos culturais: “O que são e onde se situam os estudos culturais hoje? Em que eles estão se transformando? Em que deveriam ou poderiam se transformar? Qual é o seu significado? O que está em jogo quando avaliamos o desenvolvimento ocorrido e o amadurecimento dos estudos culturais como um campo?”. Em suma, são perguntas que também nos fazemos e que, talvez, possamos transpor para os contextos brasileiros e latino-americanos (como discussões úteis para empreender).

A autorização para a publicação desse conjunto de textos em português foi gentilmente concedida pela Editora *SAGE Journals* (<https://journals.sagepub.com/>), por meio do Editor-Chefe do *International Journal of Cultural Studies*, Jonathan Gray (University of Wisconsin, Madison), e do Editor da SAGE em Londres, James Skelding Tattle. Somos imensamente gratos a eles, bem como à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior³ (CAPES), que, por meio dos recursos advindos do Programa de Excelência Acadêmica (PROEX), repassou recursos ao PPGEDU-UFRGS, os quais possibilitaram a edição e a revisão dos textos. Em razão da concessão dos direitos autorais por parte da *SAGE Journals* e dos recursos repassados pela CAPES é que este material pode circular gratuitamente como um e-book em PDF para download. Agradecemos também à professora Laura Guimarães Corrêa (UFMG) – única autora de língua portuguesa entre os textos aqui traduzidos – pela revisão final da tradução de seu texto.

3 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Neste ano de 2022, quando a Linha de Pesquisa Estudos Culturais em Educação do PPGEDU-UFRGS (criada em 1996) já ultrapassa vinte e cinco anos de existência, vimos a oportunidade de apresentar estes textos para uma audiência ampliada como parte da (sempre renovada) produtividade que os estudos culturais nos provocam, em relação àquilo que parece “apenas” mundano/cotidiano, mas que se enlaça e se constitui – como já referiam Nelson, Treichler e Grossberg (1995) – a partir de relações de poder articuladas, de distintos modos e em diferentes tempos, às questões ético-políticas de nosso presente. Foi nesta direção, da produtividade e da provocação, que tais textos nos animaram, mais uma vez, para os debates necessários às transformações que constituem e atravessam nossas vidas (incluindo, aqui, a acadêmica) de distintos modos. Cada um dos textos que se seguem (aqui transformados em capítulos, apresentados na sequência em que foram publicados no *IJCS*), e cuja apresentação fazemos a seguir, recorrendo aos resumos de cada um deles, procura responder às *mesmas* perguntas – “O que são estudos culturais?”, por exemplo –, ao mesmo tempo em que nos coloca frente a novas questões e modos de compreendê-las.

Ien Ang, pesquisadora do *Institute for Culture and Society*, da *Western Sydney University*, Austrália, no capítulo 1 – **Sobre os estudos culturais, novamente**, analisa os estudos culturais na atualidade e se pergunta até que ponto estes podem mudar com o tempo, especialmente quando vivemos em um mundo radicalmente alterado e dominado por desafios relacionados às mudanças climáticas, à ascensão da China como grande potência e às transformações tecnológicas. Ela indica a importância de se focalizar as condições institucionais e materiais, a fim de se manter e criar possibilidades, aos estudos culturais, de continuarem a existir como um campo intelectual distinto.

O título proposto por Nick Couldry, professor da *London School of Economics and Political Science*, Reino Unido, sintetiza um questionamento que é analisado ao longo do capítulo 2 – **Estudos culturais – Podemos/devemos reinventá-los?** Para isso, ele retorna ao

sentido original do termo ‘estudos culturais’, ou seja, um campo que precisava ser inventado para complementar um déficit democrático nas ciências humanas e nas disciplinas sociais estabelecidas. Nesta direção, o autor analisa as razões pelas quais os estudos culturais precisam ser reinventados novamente – em parte, como efeito das crises convergentes nos sistemas democráticos e na cultura, decorrentes de novas ecologias sociais e políticas, vinculadas à tecnologia – bem como as razões pelas quais, neste momento, isso é particularmente difícil. Segundo Couldry, enfrentar esses desafios exige modestia quanto ao que pode ser feito, mas também urgência na abertura de um espaço onde as ameaças ao futuro da democracia possam ser enfrentadas honestamente em um diálogo interdisciplinar.

No capítulo 3 – **Estudos culturais: atravessando fronteiras, defendendo distinções**, Johan Fornäs, professor na *Södertörn University*, Suécia, questiona se é possível, hoje, discernir um conjunto de traços definidores dos estudos culturais. Ele considera tal questão uma tarefa gigantesca, quase impossível, pois os estudos culturais podem significar muitas coisas diferentes, em contextos distintos. Mesmo assim, considera útil e saudável retornar, de vez em quando, a essas questões fundamentais, a fim de refletir sobre o que está sendo feito e por quê. Para isso, ele identifica um conjunto de traços e objetivos definidores do campo, a partir de uma investigação realizada com cinco dos principais atores deste campo, os quais definem os estudos culturais hoje: a *Association for Cultural Studies* e os periódicos *Cultural Studies*, *European Journal of Cultural Studies*, *International Journal of Cultural Studies* e *Inter-Asian Cultural Studies*. Fornäs identificou três tropos principais que definem o projeto dos estudos culturais: diversidade, contextualização e crítica. Ele também considera que cada um desses tropos foi parcialmente bem-sucedido, mas outros objetivos permanecem não alcançados e, nesta direção, foram formuladas duas tarefas centrais. Na primeira, os estudos culturais precisariam intensificar uma reflexividade crítica para

explicar o que são e por que se fazem necessários como uma força motriz para a diversidade interativa, contextualizando a construção de significados e a crítica comunicativa. A segunda tarefa destaca que o campo precisaria estar em alerta máximo, avançando rapidamente e respondendo em voz alta às ameaças totalitárias atuais contra a produção de conhecimento acadêmico sustentável e resiliente.

Para Benjamin Woo, professor da Carleton University, Canadá, a tradição dos estudos culturais segue como uma grande tenda, definida por uma real política acadêmica, bem como por sentimentos de afinidade ou aversão, mais do que qualquer outra coisa. O capítulo 4 – **Estudos culturais e cultura realmente existente** reconta a própria inserção e profissionalização do autor no campo de estudos culturais e – mais particularmente – como seu relacionamento com os métodos empíricos de pesquisa mudaram ao longo do tempo. Woo argumenta e destaca a importância de permanecer enraizado na análise de experiências culturais reais de pessoas reais, por meio de trabalhos que compartilham um profundo investimento em entender como os processos funcionam do ponto de vista de outros participantes, aprendendo com uma gama de campos e disciplinas, e uma vontade de desafiar narrativas herdadas. Esse tipo de pesquisa engajada empiricamente é, para o autor, a promessa dos estudos culturais que não constitui apenas um vínculo frágil na luta por recursos na universidade, mas, sim, uma tradição ativa, vibrante e intelectual.

Sarah Murray, no capítulo 5 – **Estudos culturais pós-digitais**, questiona “Com o que os estudos culturais pós-digitais deveriam parecer?”. Para desenvolver essa questão, Murray considera que a identificação de economias de atenção é fundamental para o estudo da mídia e da cultura – áreas em que atua como professora assistente no *Digital Studies Institute*, da Universidade de Michigan, Estados Unidos. Clamando para um renovado foco de atenção no poder, o capítulo combina três lições há muito estabelecidas nos estudos culturais com

três exemplos de imersão digital contemporânea: *deepfakes* e outras formas de mídia manipulada, cultura algorítmica e indústria da vida digital após a morte. Ao fazer isso, as questões críticas que impulsionam os estudos culturais sempre emergem como relevantes em uma paisagem pós-digital e de pós-verdade.

Para Devon Powers, professora no Departamento de Publicidade na *Temple University*, Estados Unidos, os estudos culturais são uma disciplina orientada ao futuro, melhor dizendo, mantém conexões tangenciais com o futurismo (estudos acerca do futuro), um campo voltado ao estudo sistemático do futuro. O capítulo 6 – **Em direção aos estudos culturais futuristas** – busca responder o porquê dessa orientação *para* e da conexão *com* o futuro, explorando o modo pelo qual os estudos culturais conceitualizaram ‘o futuro’, bem como identificando alguns dos limites dessas concepções. O texto especula o que o futurismo e os estudos culturais podem ganhar com uma integração mais robusta e propositiva.

No capítulo 7 – **Interseccionalidade: um desafio para os estudos culturais na década de 2020**, Laura Guimarães Corrêa, professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil, defende que a interseccionalidade é uma ferramenta necessária para abordar a cultura na nova década, com base principalmente nas contribuições de feministas negras. Ela também defende que os estudos culturais possam se beneficiar ao chamar a atenção para a produção – seja na cultura popular ou na academia – que provém das margens, ou seja, de indivíduos que enfrentam opressões interseccionadas e que experimentam a vida do ponto de vista ‘de um olhar opositor’ e ‘como forasteiras de dentro’. A autora discute, especificamente, essas contribuições à pesquisa nos estudos culturais e nos estudos de mídia, enfatizando a importância das experiências de vida na elaboração de teorias. Nesta direção, pergunta: qual é a relação entre as experiências de vida e um

ponto de vista teórico-metodológico que adote uma abordagem interseccional? O paradigma da interseccionalidade pode ser aplicado à pesquisa empírica em estudos culturais? Por fim, ela defende que, para qualificar, descentralizar e decolonizar a investigação dos fenômenos sociais, é necessário observar e considerar as percepções, interpretações e teorias que vêm de grupos não hegemônicos – não apenas dentro do campo acadêmico, mas também em espaços periféricos e adjuntos onde o conhecimento é construído.

No capítulo 8 – **Estudos culturais Negros são interseccionais**, Marcus Johnson e Ralina L. Joseph, da *University of Washington*, Estados Unidos, argumentam que os estudos culturais Negros⁴ devam ser entendidos como uma intervenção interseccional da práxis. Neste capítulo, eles examinam a influência transformadora que a teoria feminista Negra teve nos estudos culturais. Tomando como exemplos a defesa de Kimberlé Crenshaw de *2 Live Crew*, passando pelo *#SayHerNameSeattle* e pelo movimento *Protect Black Women*, afirmam que *#Blacklivesmatter* é tanto sobre centralizar as experiências e vozes das mulheres Negras e comunidades LGBTQ+ Negras quanto sobre reconhecer a violência sistêmica contra os homens Negros. Eles argumentam que os manifestantes do *#SayHerNameSeattle* responderam à pergunta feita por Stuart Hall – o pai não apenas dos estudos culturais Negros, mas dos estudos culturais em si – que continua a ser a questão central para os estudos culturais Negros: “que ‘Negro’ é esse na cultura popular Negra?” (“*What is the Black in Black popular Culture?*”). E eles respondem: “estudos culturais Negros são antirracistas, irredutivelmente Negros, *queer*, jovens, feministas, trans, mulheres (...), todas/os dançando, cantando e marchando”.

4 Os autores apresentam a palavra “Black” sempre iniciando com letra maiúscula, de modo que seguimos tal escolha na tradução deste texto em particular.

Ao conduzir esta Apresentação ao seu término⁵, ressaltamos que o conjunto de questionamentos contidos nesses textos – alguns dos quais formulados por autores e autoras que ainda pouco circulam no contexto acadêmico brasileiro – mobilizou-nos fortemente. Mobilizou, igualmente, os estudantes que conosco compartilharam a leitura desses tão produtivos trabalhos. E disso resultou nosso interesse em divulgá-los. Agradecemos novamente aos editores do *International Journal of Cultural Studies* a permissão concedida para apresentá-los neste e-book. Agradecemos, igualmente, à editora Pimenta Cultural por ter aceito nossa proposta de editar e ancorar em seu site as importantes reflexões neles contidas, nos quais ecoam problemáticas que preocupam estudiosos de diferentes recantos deste cada vez mais complexo mundo contemporâneo. Como tem sido sobejamente ressaltado por Lawrence Grossberg (2016, 2019), os estudos culturais rejeitam toda e qualquer escolha binária entre opções simplificadas, que incluam, por exemplo, a busca de uma apaziguadora síntese dialética. Em outras palavras, tais estudos se apresentam como uma prática crítica, que tem um comprometimento com a complexidade, com a contingência e com a contextualização.

Os textos apresentados neste e-book retomam e reafirmam esse compromisso, ao alertarem para a importância de as/os praticantes de estudos culturais atentarem para as conjunturas, bem como para a contingência do tempo presente e a historicidade dos objetos, das práticas, dos entendimentos e das instituições culturais. Acreditamos que os textos aqui reproduzidos serão extremamente úteis para aquelas/es

5 Destacamos que no processo de tradução: (a) mantivemos em itálico os termos e expressões em que ele já foi utilizado nos textos em inglês; (b) em alguns casos, os estrangeirismos também foram, necessariamente, destacados em itálico; (c) as notas de fim de texto, presentes nos textos originais, em inglês, foram transformadas em notas de rodapé; (d) a fim de diferenciar das notas originais, as notas de rodapé introduzidas pelos tradutores foram finalizadas com a sigla NDT. – nota de tradução – entre parênteses; (e) na maior parte das vezes, as principais obras citadas pelos autores cujas traduções estão disponíveis em português, foram destacadas em notas de rodapé, seguidas da sigla (NDT. Outrossim, informamos que as referências bibliográficas dos textos foram mantidas tal como apresentadas no *UCS*, seguindo a *SAGE Harvard Style*; portanto, trata-se de uma formatação diferente daquela adotada no Brasil e nesta apresentação.

que se interessam por compreender e discutir as problemáticas globais que perpassam o cotidiano de nossas vidas, nos dias de hoje. Por fim, desejamos a todas/os uma instigante e mobilizadora leitura!

Luís Henrique, Lodenir e Maria Lúcia

Porto Alegre, julho de 2022.

REFERÊNCIAS

BONIN, Iara Tatiana; RIPOLL, Daniela; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. Por que Estudos Culturais? **Educação e Realidade** – Edição eletrônica, v. 45, p. 1-22, 2020. (Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-6236100356>).

CEVASCO, Maria Elisa Burgos. Estudos Culturais: fim de linha ou aposta na relevância? *In*: LISBOA Flavi Ferreira & BAPTISTA, Maria Manuel (org). **Estudos Culturais e interfaces: objetos, metodologias e desenhos de investigação**. Aveiro: Universidade de Aveiro, Programa Doutoral em Estudos Culturais. Santa Maria: UFSM, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2016. (e-book) (Disponível em: www.ufsm.br/estudosculturais).

CAREY, James W. Reflections on the Project of American Cultural Studies. *In*: FERGUSON, Marjorie & GOLDING, Peter (org). **Cultural Studies in Question**. London/ThousandOaks/New Delhi: Sage, 1997.

COSTA, Marisa Vorraber; WORTMANN, Maria Lúcia C.; BONIN, Iara Tatiana. Contribuições dos Estudos Culturais às pesquisas sobre currículo? Uma revisão. **Currículo sem Fronteiras**, v. 16, p. 509-531, 2016. (Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol16iss3articles/costa-wortmann-bonin.pdf>).

DENNING, Michael. **A cultura na era dos três mundos**. São Paulo: Francis, 2004.

EAGLETON, Terry. Depois da Teoria. Um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FERGUSON, Marjorie; GOLDING, Peter. Cultural Studies and changing times: an introduction. *In*: FERGUSON, Marjorie; GOLDING, Peter (Ed.). **Cultural Studies in question**. London/ThousandOaks/New Delhi: Sage, 1997.

GROSSBERG, Lawrence. Será que os Estudos Culturais têm futuros? E deverão tê-los? **Comunicação e Cultura**, Porto, n. 6, p. 17-51, 2008.

GROSSBERG, Lawrence. Lutando com os anjos: os estudos culturais em tempos sombrios. **Matrizes**. V.9 - Nº 2 jul./dez. 2015, p. 13-46. (Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/268325526.pdf>).

GROSSBERG, Lawrence. **Los estudios culturales como contextualismo radical. Intervenciones en estudios culturales**, v. 2, n. 3, 2016, p. 33-44 (Disponível em: https://intervencioneseecc.files.wordpress.com/2017/01/n3_art02_grossberg.pdf).

GROSSBERG, Lawrence. What did you learn in school today? Cultural Studies as pedagogy. In: AKSIKAS, Jaafar; ANDREWS, Sean Johnson; HEDRICK, Donald (eds.). **Cultural Studies in the Classroom and Beyond. Critical Pedagogies and Classroom Strategies**. Cham: Palgrave Macmillan, 2019.

JOHNSON, Richard. What is cultural studies anyway? **Social Text**, 16, 1986-87: p. 38-80.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula; GROSSBERG, Lawrence. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MARTINO, Luis Mauro Sá. A área dos Estudos Culturais: consenso genealógico e indefinição epistemológica. **Comunicação & Sociedade**, Ano 33, n. 57, p. 79-101, jan./jun. 2012. (Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/2897>).

MURRAY, Sarah. Postdigital cultural studies. **International Journal of Cultural Studies**, vol. 23(4) 441–450, 2020.

RIBEIRO, Adélia M.; SOARES, Eliane V.; GAJANIGO, Paulo; MATIAS, Glauber Rabelo. Cultura, crítica e democratização: o estado da arte dos Estudos Culturais. **Revista Brasileira de Sociologia**. vol. 5, núm. 11, pp. 142-164, 2017.

WORTMANN, Maria Lúcia C.; COSTA, Marisa Vorraber; RIPOLL, Daniela; BONIN, Iara Tatiana. Dossiê Estudos Culturais em Educação. **Revista Educação** (PUCRS. Online), v. 38, p. 11-95, 2015. (Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/issue/view/926>).

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; RIPOLL, Daniela. Apontamentos sobre os Estudos Culturais no Brasil. **Educação e Realidade** – Edição eletrônica, v. 44, p. 1-24, 2019. (Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623689212>).

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; COSTA, Marisa Cristina Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em educação no Brasil. **Revista Educação** (PUCRS. Online), v. 32, p. 32-48, 2015. (Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/18441>